

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ (CCCO)  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ANA TERCIA MORAIS DA SILVA**

**MUSICALIZAÇÃO INDÍGENA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA  
ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: COLECIONANDO VIVÊNCIAS E  
ETERNIZANDO MEMÓRIAS NA ESCOLA MARIA ALICE MACHADO EM CODÓ/MA**

CODÓ/MA  
2024

**ANA TERCIA MORAIS DA SILVA**

**MUSICALIZAÇÃO INDÍGENA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA  
ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: COLECIONANDO VIVÊNCIAS E  
ETERNIZANDO MEMÓRIAS NA ESCOLA MARIA ALICE MACHADO EM CODÓ/MA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira

CODÓ/MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Morais da Silva, Ana Tércia.

A musicalização indígena como recurso pedagógico para alfabetização nos anos iniciais: Colecionando vivências e eternizando memórias na escola Maria Alice Machado em Codó/MA / Ana Tércia Moraes da Silva. - 2024.

72 p.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.  
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,  
Universidade Federal do Maranhão, Ccco - Ufma, 2024.

1. Musicalização Infantil. 2. Alfabetização. 3. Autobiografia. 4. . 5. . I. Almeida de Oliveira, Kelly.  
II. Título.

**ANA TERCIA MORAIS DA SILVA**



**MUSICALIZAÇÃO INDÍGENA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA  
ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: COLECIONANDO VIVÊNCIAS E  
ETERNIZANDO MEMÓRIAS NA ESCOLA MARIA ALICE MACHADO EM CODÓ/MA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)  
Orientadora

---

Prof. Dr. Samuel Correa Duarte (UFMA)  
1º Avaliador

---

Prof. Dr. Joelson de Sousa Morais (UFMA)  
2º Avaliador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me abençoado muito até aqui, uma caminhada árdua, mas que reconheço necessária em minha vida. Reconheço em cada etapa do curso sua benevolência comigo. Memórias que guardarei sempre em meu coração e trazem gratidão.

A minha família por toda compreensão e paciência comigo, em especial, minha mãe, Marilene Vieira Morais da Silva, meu pai Cícero Aguiar da Silva, foi suma importância para mim a força que deram e os conselhos de cada um para que prosseguisse firme nesse trabalho.

A minha prima conselheira, Ana Carolina Aguiar da Silva, pela atenção e paciência, ela, minha mãe, e meu namorado, Lucas Araújo que me deram muito incentivo para iniciar o Curso de Pedagogia na UFMA/Codó.

A meus irmãos, Italo Morais da Silva e Mirela Morais da Silva, pelo companheirismo durante esta longa trajetória.

A minha orientadora, Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira pela paciência, atenção, preocupação, conselhos e carinho, por ter acreditado em mim e na minha capacidade ao realizar essa pesquisa.

A todos/ as os/aos professores/as do Curso de Pedagogia do Campus de Codó, pela sabedoria e ensinamentos que fizeram com que eu chegasse até aqui.

Agradeço ainda aos meus amigos (as) Elrilene Pereira, Carmem Célia Brandão, Rosimar Silva da Costa, Elivane de Sousa, Juliana Azevedo e José Fernando Macedo.

Agradeço a cada colaborador da Escola Maria Alice Machado, em especial, meus estudantes que foram os participantes desta pesquisa, a cada experiência vivida com cada um, aprendizagens, e desafios que me fizeram analisar e redefinir minha conduta em sala de aula.

Agradeço aos professores da banca, Samuel Correia e Joelson Morais por aceitarem meu convite e por se fazerem presentes nesse momento de conquista.

Agradeço de forma especial a minha avó, Maria das Graças Vieira Morais, por toda ajuda que me deu desde criança, pelas palavras motivadoras e apoio.

Dedico este trabalho a minha família pela compreensão e apoio. E aos educadores dos anos iniciais, pelas discussões e por criar possibilidades de práticas educativas para atender as necessidades das crianças que estão em processo de alfabetização.



*“A música me faz esquecer a minha situação real. Ela me transporta para um estado que não é o meu. Sob a influência da música, realmente sinto o que não sinto e entendo o que não entendo”.*

Leon Tolstói

## RESUMO

O presente trabalho aborda a musicalização em uma escola do Ensino fundamental, Codó/MA, como um dos recursos pedagógicos de grande importância para o processo de alfabetização e desenvolvimento de habilidades das crianças dos anos iniciais. Ancorando a inovação do trabalho pedagógico a partir da educação musical, percebe-se que a instituição escolar também é um espaço de aprendizagem aberto as diversas produções culturais onde o uso de experiências musicais estão presentes na prática docente. Diante disso, primeiramente, surge a seguinte indagação: Que desafios a educação musical indígena enfrenta para sua efetiva implementação na Educação Básica? O estudo está fundamentado na pesquisa qualitativa focando a abordagem de um relato de experiência com crianças do 2ºano do Ensino Fundamental I. A pesquisa tem como objetivo geral compreender os desafios que a educação musical indígena enfrenta para sua efetiva implementação na Educação Básica. Como objetivos específicos, buscamos conhecer o ensino de música nos anos iniciais no Ensino Fundamental; descrever os desafios enfrentados para implementação da educação musical nos anos iniciais; e, refletir sobre as possibilidades que a música indígena traz para uma aprendizagem significativa para os anos iniciais. Para isso, tomamos como referência os estudos de: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (2005), Vera Lúcia Pessagno Bréscia (2003), Nicole Jandot (1990) e Merriam (1998). Com isso, desenvolvemos um relato de experiência em sala de aula, com pesquisa participante, empregada para acompanhar as práticas pedagógicas em uma escola do município de Codo/MA. Ela foi desenvolvida em uma turma com crianças de sete anos. Os participantes desse relato de experiência, são estudantes de uma turma em processo de alfabetização do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa autobiográfica se refere às anotações e reflexões da autora sobre o cotidiano com essas crianças, os desafios e as possibilidades de ensino por meio da música indígena. Inicialmente, realizamos uma pesquisa qualitativa bibliográfica, em que constatamos que as atividades musicais e rítmicas contribuem para o desenvolvimento cognitivo e psicomotor, social, afetivo e emocional, seguindo com uma narrativa autobiográfica. Dentre os resultados alcançados com relação às estratégias pedagógico-musicais adotadas na rotina de aulas com música, encontramos: significativa aprendizagem e engajamento dos estudantes mais tímidos, participação ativa durante os trabalhos propostos e mais atenção durante as aulas. Concluímos que a mesma auxiliou os estudantes no processo de aprendizagem e construção do conhecimento, desenvolvendo suas capacidades.

**Palavras-chave:** Musicalização infantil. Música Indígena. Alfabetização. Pesquisa Autobiográfica. Codó/MA.

## ABSTRACT

This paper addresses musicalization in an elementary school in Codó, Maranhão, as one of the most important pedagogical resources for the literacy process and skill development of children in the early years. Anchoring the innovation of pedagogical work based on musical education, it is clear that the school institution is also a learning space open to various cultural productions where the use of musical experiences is present in teaching practice. Given this, the following question first arises: What challenges does indigenous musical education face for its effective implementation in Basic Education? The study is based on qualitative research focusing on the approach of an experience report with children in the 2nd year of Elementary School I. The research has the general objective of understanding the challenges that indigenous musical education faces for its effective implementation in Basic Education. As specific objectives, we seek to understand music teaching in the early years of Elementary School; describe the challenges faced for the implementation of musical education in the early years; and reflect on the possibilities that indigenous music brings for meaningful learning in the early years. To this end, we took as reference the studies of: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (2005), Vera Lúcia Pessagno Bréscia (2003), Nicole Jandot (1990) and Merriam (1998). With this, we developed a report of classroom experience, with participant research, used to monitor pedagogical practices in a school in the city of Codo/MA. It was developed in a class with seven-year-old children. The participants of this experience report are students in a class in the process of teaching literacy in the 2nd year of the initial years of Elementary School. The autobiographical research refers to the author's notes and reflections on the daily life with these children, the challenges and the possibilities of teaching through indigenous music. Initially, we carried out a qualitative bibliographical research, in which we found that musical and rhythmic activities contribute to cognitive and psychomotor, social, affective and emotional development, following with an autobiographical narrative. Among the results achieved in relation to the pedagogical-musical strategies adopted in the routine of music classes, we found: significant learning and engagement of the shyest students, active participation during the proposed work and more attention during the classes. We conclude that it helped the students in the learning process and construction of knowledge, developing their capabilities.

Keywords: Children's musicalization. Indigenous music. Literacy. Autobiographical research. Codó/MA.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>QUE MÚSICA TE TOCA?.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>EDUCAÇÃO MUSICAL.....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>LEGISLAÇÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL.....</b>	<b>19</b>
<b>4.1</b>	<b>LEGISLAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA.....</b>	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>O DESPERTAR PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: METODOLOGIAS COM MÚSICA.....</b>	<b>26</b>
<b>5.1</b>	<b>A LINGUAGEM MUSICAL COMO COMUNICAÇÃO CULTURAL.....</b>	<b>27</b>
<b>5.2</b>	<b>MUSICALIZANDO O CORPO: AÇÃO E MOVIMENTO DE INTERAÇÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>5.3</b>	<b>MÚSICA PARA ALFABETIZAR: CRIANDO E CANTANDO MELODIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>6</b>	<b>ALFAMUSICANDO: ALFABETIZANDO COM MÚSICA.....</b>	<b>33</b>
<b>6.1</b>	<b>DE MUSCICISTA A PROFESSORA ALFABETIZADORA: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS COM O ENSINO DE MÚSICA INDÍGENA.....</b>	<b>36</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 QUE MÚSICA TE TOCA?

*Os povos originários ainda estão presentes neste mundo não porque foram excluídos, mas porque escaparam, é interessante lembrar isso. Em várias regiões do planeta, resistiram com toda a força e coragem para não serem completamente engolfados por esse mundo utilitário [...] (Krenak, 2020, p. 111-112).*

A música sempre existiu em todos os momentos históricos, principalmente em tempos de grandes revoluções, por exemplo: em guerras, acordos diplomáticos, política, movimentos sociais e denominações religiosas. Assim, é fácil perceber que a linguagem musical assume valores culturais em épocas diferentes, trazendo resultados significativos para o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. Nesta perspectiva, é possível notar que a aprendizagem musical também pode ocorrer nas relações sociais e nas diversas produções culturais.

Em tese, pelo fato de ser uma das linguagens artísticas na vida cotidiana humana, é possível notar que a música também contribuiu no surgimento de diversas manifestações culturais e também para a transformação da sociedade, visto que, o gosto pela arte musical tem um significado de cultura em movimento. Nota-se ainda que a produção e reprodução cultural artística, a partir da música, também podem intervir de maneira positiva na vida da população, principalmente no modo da comunicação, na forma de vestir-se, dentre outros aspectos. Normalmente, as pessoas apresentam gosto pela qualidade da composição, letra, intérprete e, para quem gosta de uma boa melodia, a arte musical assume uma característica de saudosíssimo (passado histórico do sujeito).

As variedades de estilos musicais, tais como: funk, rock, músicas eletrônicas, dentre outros, ao longo dos anos, tem se destacado principalmente nas redes de comunicação midiática e, junto a esse crescimento, ocorreu uma mudança significativa relacionada a padrões comportamentais que, provavelmente, são aceitas ou não no meio social pois, uma boa música é aquela que faz com que o indivíduo seja capaz de refletir sobre os principais acontecimentos vividos pela humanidade, e que o mesmo faz

parte dessa história e com isso não repita os mesmos erros de seus antepassados.

Além disso, também existe a música para entretenimento, seja a música popular e festiva; seja a música pop comercial.

Para a construção deste estudo fez-se necessário tomar como base os seguintes teóricos da área: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (2005), Vera Lúcia Pessagno Brécia (2003), Nicole Jandot (1990) e Merriam (1998), por trazerem reflexões que contribuem na abordagem e compreensão do tema. A proposta de estudo do tema surgiu numa perspectiva de socializar vivências da etapa em que atuamos, acerca do ensino de música no processo de alfabetização infantil. A escolha do tema está relacionada com a familiaridade e atuação pessoal na área das artes, em especial, a música, que inclusive se tornou grande aliada do nosso trabalho pedagógico desenvolvido com crianças na faixa etária de sete anos. Partindo desse pressuposto, surge a seguinte indagação: Que desafios a educação musical indígena enfrenta para sua efetiva implementação na Educação Básica? A pesquisa tem como objetivo compreender os desafios que a educação musical indígena enfrenta para sua efetiva implementação na Educação Básica. Como objetivos específicos, buscamos conhecer o ensino de música nos anos iniciais no Ensino Fundamental; relatar os desafios encontrados para essa atuação da educação musical nos anos iniciais; e, refletir sobre as possibilidades que a música indígena traz para uma aprendizagem significativa nos anos iniciais.

O trabalho apresenta a seguinte estrutura: introdução; legislação do ensino de música em nossa realidade urbana e em comunidades indígenas; apresentação de reflexões teóricas sobre a música no âmbito escolar; as versatilidades no processo de ensino aprendizagem com uso da música; explicações gerais sobre a metodologia utilizada na pesquisa sendo relato de experiência, que aconteceu em uma escola do município chamada Escola Maria Alice Machado.

A segunda seção apresenta como estão organizados todos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa; a seção seguinte trata da música em sua trajetória histórica até os dias atuais e algumas perspectivas para o seu ensino; na seção quatro abordamos a legislação para o ensino de música e da educação indígena; na seção cinco, o foco é o despertar de uma educação antirracista por meio da

musicalização do corpo como linguagem e comunicação. Na seção seis apresentamos a narrativa autobiográfica das vivências com uma turma de 2º ano e os desafios enfrentados para implementação de uma educação musical com crianças de sete anos. Por fim, na seção sete apresentamos as conclusões levantadas durante o processo de realização do trabalho, as considerações finais do estudo e as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa bibliográfica qualitativa que permeou o estudo.

Esperamos com esse trabalho apresentar uma reflexão holística fora do contexto de tradicionalismo escolar, que, na nossa perspectiva, já mostrou que não dá bons resultados. Além de ser um caminho bastante doloroso e oneroso a todos os participantes do processo de ensino e aprendizado nas escolas, gera também em sua grande maioria, um cenário de desrespeito ao próximo, ou seja, ao diferente; tornando assim palco de preconceito, discriminação social e manifestações racistas.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Definimos nossa pesquisa como qualitativa que, para Merriam (1998), envolve a obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos ambientes, assim como a profundidade de um determinado fenômeno, a fim de decodificar e traduzir o sentido dos fatos e acontecimentos. Ou seja:

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p.13).

Entendemos, assim, que esta é caracterizada pelo uso da qualificação, tanto na coleta quanto no tratamento das informações.

A pesquisa foi referenciada nos estudos de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (2005), Merriam (1964), Vera Lúcia Pessagno Bréscia (2003) e Nicole Jandot (1990), acerca da educação musical, em revistas científicas e dissertações de mestrado e teses, sites científicos, em que foi possível conhecer concepções parecidas de autores que abordam a temática. Além da pesquisa bibliográfica, foi feita uma pesquisa narrativa, em que foi possível observar na prática e no discurso como a escola tem concebido o ensino por meio da música e quando isso acontece.

Durante a pesquisa bibliográfica, tivemos como categoria investigada a pesquisa autobiográfica. Ela é desenvolvida com base em fatos reais e ajuda no material já elaborado, constituído, principalmente, de relato de experiência, livros e artigos. Os

anos de abrangência dos artigos pesquisados foram entre 2000 a 2022. Os critérios de seleção de artigos foram a musicalização infantil e sua importância no âmbito da alfabetização.

Por sua vez, a pesquisa narrativa inclui um estudo observacional, onde se compara dois grupos similares. O processo narrativo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Uma grande contribuição da pesquisa narrativa é proporcionar novas visões acerca de uma realidade já conhecida. Na pesquisa narrativa ocorre a: “[...] descrição do objeto por meio da observação e do levantamento de dados ou ainda pela pesquisa bibliográfica e documental. Das pesquisas Narrativas pode-se chegar à elaboração de perfis, cenários etc.” (Barros; Lehfeld, 1990, p. 34). Desse modo, podemos afirmar que ela objetiva identificar correlação entre variáveis e vão além da mera descoberta dos fenômenos.

A pesquisa (auto) biográfica, por sua vez, é uma abordagem inter/transdisciplinar que busca, através de um diálogo entre pares, construir uma narrativa com a intenção de intervir na realidade do aprendiz. “Pela narrativa autobiográfica podemos nos tornar sujeitos de nossa própria história (estratégia de empoderamento)” (Olinda, 2018, p. 36). Esta abordagem “[...] ancora-se no paradigma do singular-plural, uma vez que a subjetividade e a historicidade são inerentes aos processos de narração de si” (Olinda, 2018, p. 38).

Pela autobiografia, situamo-nos no mundo simbólico da cultura. Por meio dela, identificamo-nos com uma família, uma comunidade e, indiretamente com a cultura mais ampla. Ela é a única maneira de que dispomos para o relacionamento com nossos iguais depois de sairmos do escudo dos mecanismos infantis que nos permitem nossa prolongada imaturidade (Bruner, 1995, p. 146).

Desse modo, a pessoa tem autonomia para construir seu próprio conhecimento e sua formação mediante a processos que favorecem a independência humana. O trabalho autobiográfico precisa ser desenvolvido da reflexão de quem narra. A partir da narrativa de si, o aprendente busca compreender seu percurso de vida e as relações sociais entre os indivíduos, pois o “[...] depoimento oral nos coloca frente à informação e à necessidade de interpretação” (Olinda, 2018, p. 64). Nesse ínterim,

A pesquisa (auto) biográfica tem por ambição compreender como os indivíduos (a criança, o jovem, o adulto) e/ou grupos (familiares, profissionais, gregários) atribuem sentido ao curso da vida, no percurso de formação humana, no percurso da história (Passeggi, 2011, p. 20).

Assim, a pesquisa autobiográfica constitui-se por múltiplas abordagens, temáticas e correntes teóricas, articulando-se na formulação, compreensão e acompanhamento pedagógico de situações específicas e empíricas que permites um estudo exploratório, um apanhado entre teoria e prática e comprovações advindas de hipóteses. Trata-se de uma escrita significativa pois “[...]o pesquisador do narrador e outros perfis identitários com que se configura cada um/a ou de como se vê ou se sente, o que representa uma riqueza inesgotável na academia, na pesquisa e produção do conhecimento, sobretudo, para quem faz pesquisa formação narrativa (auto)biográfica em educação” (Morais; Bragança; Prado, 2021, P. 215). Para além de uma escrita canônica acadêmica, na escrita autobiográfica nos permitimos reviver memórias de momentos marcantes, e o melhor, compartilhá-los com outras pessoas.

Desse modo, o levantamento de dados foi realizado por meio de relato de experiência autobiográfica, sobre a trajetória de crianças em processo de alfabetização, no 2ºano do Ensino Fundamental na escola Maria Alice Machado em Codó/MA. Tivemos a oportunidade de conhecer um pouco a história de vida das crianças, a organização da rotina escolar de nosso município, primeiro contato com uma turma de 2ºano, desafios e muitos aprendizados. Após esse tempo de aprofundamento, vivência e estudo, foram selecionados alguns artigos que se aproximam do objetivo do estudo. Para isso, realizamos a leitura do resumo/ abstract de cada artigo e empreendemos uma análise qualitativa, descritiva e interpretativa.

### 3 EDUCAÇÃO MUSICAL

No dicionário conceitua-se o termo musicalização como a ação de musicalizar, de dar forma musical, melodiosa a algo. Processo que transforma alguma coisa em música: musicalização da matemática em sala de aula; musicalização de um poema; é a Ação de despertar para a música, de iniciar ou de se iniciar musicalmente (musicalização, 2024).

Kraemer (2000) discute o campo da educação musical ao caracterizar as dimensões presentes no conhecimento pedagógico com a música, sejam, filosóficas, antropológicas, pedagógicas, sociológicas, históricas, estéticas, psicológicas e musicológicas. Ele também faz a relação do ensino de música levando como princípio a questão de que a pedagogia da música esteja unida a outras disciplinas. Sobre esses aspectos filosóficos, por exemplo, o autor descreve as reflexões sobre estética da música, sendo: “[...] Ocupação com o Belo e o Feio nas Artes, com ideias de obras artísticas, com a música como meio de pensar e sentir [...]” (Kraemer, 2000, p. 52). Do ponto de vista histórico, ao observar onde a educação musical se encontra em influência de sua origem, o autor diz que:

A descrição da prática músico-educacional coloca-se em aberto o que não é somente pensado, mas também realizado. Junto a isso, a consideração política histórica de um período fornece o modelo de um argumento dominante, uma forma de prática músico-cultural e pedagógica condicionada economicamente. Para julgamento apropriado da situação atual, uma consideração histórica coloca à disposição conhecimento sobre origem, continuidade e mudanças de ideias, conteúdo e situações pedagógico-musicais [...]” (Kraemer, 2000, p. 54).

Por causa dos aspectos psicológicos da educação musical, o autor fala sobre a investigação das semelhanças e diferenças observáveis de comportamento e da vivência, desenvolvimento musical e a influência social nesse meio.

A música vem desempenhando funções específicas em atividades humanas como ninar crianças, dançar, contar estórias, comemorar eventos especiais, vender produtos, entreter, curar e rezar, anunciar eventos, entre outras (Gregory, 1997; Ilari; Majlis, 2002). Estas e muitas outras funções da música na vida humana estão ligadas às relações interpessoais. Partindo desse ponto, Huron (1999) propõe que, no tocante ao desenvolvimento humano, a música desempenha um papel importantíssimo, por criar cenários que ajudam nos relacionamentos humanos, até mesmo aqueles de natureza amorosa. Segundo a teoria de Huron (1999), a música executa alguns efeitos sobre a atração e sobre o desenvolvimento subsequente de relações interpessoais.

Nesse sentido, a música é mais do que qualquer outra arte, tem uma extensa representação para o indivíduo. Ela nos oportuniza inúmeras versatilidades de bem estar pessoal e social, sendo acesso direto à afetividade, controle de impulsos, emoções, além de motivar. Além disso, encontra-se dentro da abordagem das inteligências múltiplas podendo, inclusive, articular a lógica/matemática com a musicalidade.

A musicalização é capaz de estimular a memória não verbal; um componente de aplicação das funções cerebrais, que envolve um armazenamento de símbolos organizados e que estimula a capacidade de retenção e memorização.

Compreende-se que o ensino de música na escola encara situações diversas, pois o processo de musicalização no ambiente escolar acontece a partir da inclusão das/os estudantes. Quando o planejamento de ensino contempla o fazer musical no Ensino Fundamental I, este pode ser um recurso facilitador para o trabalho docente.

#### 4 LEGISLAÇÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL

Desde o período colonial até os dias atuais, a miscigenação dos povos africanos, indígenas e europeus contribuiu para a formação de cultura e geração do povo brasileiro. No artigo 5º referente à Constituição Federal (1988) emerge a garantia de direitos e igualdade do povo brasileiro. A carta Magna, que é a Lei de ordem máxima no que tange aos regimentos estruturais de direitos políticos e jurídicos da nação, assegura no inciso IX, deste mesmo artigo, que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. **Quando a liberdade de expressão não é respeitada, configura-se censura, um controle prévio sobre informações que serão divulgadas” (grifos nossos).** Assim, a Constituição Federal (1998) relata a importância das manifestações culturais do povo brasileiro para a garantia de direitos universais no exercício da cidadania. A aprovação da Constituição atual no final dos anos 1980 colaborou para as reformas educacionais em todo país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 1996, no Art. 26, há a referência ao ensino de música na escola. Ele indica que: “§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente

curricular obrigatório da educação básica. § 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”.

Com a efetivação da LDB 9.394/96, o Estado buscou rumos novos para garantir a universalização do ensino público gratuito. Considerada referência no que refere-se às reformas no sistema educacional brasileiro nas últimas décadas, a LDB cita no artigo 5º a obrigatoriedade do ensino básico e, salienta no artigo 3º inciso II, que a educação deve garantir como normas de ensino “[...] a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”.

Dentro deste critério, em concordância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998, p.80), aponta que “com os avanços da eletrônica refletindo-se na fabricação de novos instrumentos e equipamentos para produção sonora, o surgimento de novas linguagens musicais e respectivas estéticas refletem-se na criação de diversas técnicas de composição”. É perceptível, que as obras musicais (composições) são reproduzidas de maneira que os indivíduos não conseguem identificar-se com a cultura em que a mesma está introduzida.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define “competência” “como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018). Ela apresenta caminhos para a Educação Infantil, Ensino Fundamental, e Ensino Médio, ou seja, para toda a Educação Básica.

O Ensino Fundamental, por ser definido com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, atendendo estudantes (crianças e adolescentes de 6 a 14 anos de idade) que passam por uma série de mudanças relacionadas aos aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros (Brasil, 2018). No ensino fundamental, são identificadas duas fases: anos iniciais (6 aos 10 anos de idade) e anos finais (11 aos 14 anos de idade).

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, foco de nossa pesquisa, a BNCC diz que, “ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil” (Brasil, 2018. p. 53).

Essa articulação tem que ser contínua e organizada quanto às experiências desenvolvidas pelos mesmos, proporcionando novas possibilidades de leitura, formulação de hipóteses e elaboração de conclusões, dessa forma, construindo os conhecimentos.

Nessa etapa, as/os estudantes devem ampliar seu repertório, sua autonomia e criatividade, construindo sua própria aprendizagem mediante as suas vivências, tanto dentro como fora do ambiente escolar. A BNCC nos mostra quatro áreas de conhecimento, como, na área das linguagens e suas tecnologias, colocando como componente curricular a arte e seus segmentos. Baseada nas dimensões de conhecimento da arte (Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão) (Brasil, 2018), a BNCC apresenta nove competências intrínsecas para este ensino, dentre elas, citamos três:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social [...]; 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação [...]; 3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira [...]. (Brasil, 2018, p. 194).

No Ensino Fundamental, o componente curricular arte é uma combinação das artes visuais, dança, música e teatro. Estes “[...] articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas” (Brasil, 2018, p. 193).

No decorrer da história das políticas públicas voltadas à educação musical no Brasil, é irrefutável a presença de reflexões teóricas sobre a escola como espaço que favorece a propagação do conhecimento por meio da cultura popular e das artes (cênica, visuais, teatro e música). Em 2000, houve uma busca para encontrar explicações e propostas para o ensino de artes, como a inclusão da música no currículo escolar através da aprovação da Lei 11.769/2008, ela estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas da Educação Básica. A aprovação dessa lei foi, sem dúvida, uma grande conquista para a área de educação musical de nosso país. Assim, tornou-se obrigatório nas instituições escolares do Brasil.

Figueiredo (2010, p.4), afirma que “a legislação não deixa clara a definição da palavra arte para a educação escolar”. De acordo com este autor, compreende-se que a arte musical possui uma característica diferenciada de outras artes e as reflexões teóricas voltadas à presença da Educação musical na escola é um problema que vem se prolongando desde muito tempo durante todo o período de reformas nas políticas públicas do sistema educacional brasileiro. Porém, foi perceptível que ao longo da história das políticas públicas educacionais, o ensino de música precisa estar presente no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, ou seja, no cotidiano da escola.

#### 4.1 LEGISLAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO ÍNDIGENA

*A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (Krenak, 2020, p. 11).*

O Brasil é um país multicultural pois foi agregando muitas culturas, como indígenas, europeias, africanas, entre outras, ao decorrer do tempo. A música, a dança e as artes em geral estão vinculadas a esse desenvolvimento linguístico social, desde a infância.

Historicamente, os povos indígenas foram retratados pelas escolas em relação ao passado: no “descobrimento” do Brasil, na formação da nação brasileira, no surgimento das cidades ou nas datas comemorativas, como o “dia do índio”, no dia 19 de abril. Nas escolas, apresentava-se uma visão estereotipada de como é ser indígena com sua moradia, seus acessórios, pinturas corporais, artefatos. Geralmente, não é apresentado aos estudantes de onde vem certos costumes habituais, saberes até mesmo a variedade da língua dos povos originários. No campo das artes não é diferente.

Segundo a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), hoje existem sete

etnias no Maranhão -Ka'apor, Guajá, Tenetehara, Timbira, Kanela, Krikati e Gamela - e vinte territórios indígenas, sendo dezessete destes devidamente demarcados.

As instituições escolares continuam realizando um papel fundamental na reprodução de estereótipos sobre esses indivíduos através da propagação de ideias eurocêntricas e evolucionistas. Os estereótipos que são ressaltados apontam a imagem de um “índio” genérico, que “vivia nu na mata”, “pacífico” e “inocente” ou sob a condição de “derrotados”, “inferiores”, “incapazes” e que não seriam capazes de resistir à ocidentalização imposta, resultando na “destruição cultural”. A historiadora Cristina Bohn Martins, diz que alguns motivos colaboraram para a construção dessa perspectiva:

[...] espantosas cifras da queda na demografia indígena que se seguiu à chegada dos europeus, bem como os relatos cronistas coloniais sobre os efeitos devastadores da violência, das doenças, da má nutrição, do excesso de trabalho e mesmo do stress sobre os nativos foram, sem dúvida, muito importantes para a construção desta narrativa (Martins, 2009, p. 4).

Nesse sentido, muitos dos relatos do século XVI em relação aos povos originários do “Novo Mundo”, colaboraram para a circulação de imagens intensamente negativas sobre esses indivíduos, ao ressaltar aspectos como “selvagens”, “antropofágicos” e “bárbaros” (Martins, 2009).

No campo educacional brasileiro contemporâneo, em seus diversos níveis, ainda existe muita desinformação com relação aos povos originários e africanos, ato que favorece a existência de preconceitos e equívocos. Diante dessas condições e das pressões por parte do Movimento Negro, em 2003, foi sancionada a Lei nº 10.639, pelo então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Lei essa que modificou a Lei nº 9.394 de 1996 – Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelecendo “diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura afro-brasileiras e africanas” (Brasil, 2003). No entanto, em 2008, devido às mobilizações e ações dos Movimentos Indígenas Brasileiros, a Lei nº 10.639 foi alterada pela Lei nº 11.645/2008, acrescentando-se ao ensino de história e cultura indígena do currículo. Assim, através do artigo 26 foi orientado o caminho a ser seguido pela Educação Básica:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afrobrasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (Brasil, 2008).

Lei essa que possibilitou com que as populações negras e indígenas, que foram retratadas apenas do ponto de vista do colonizador nas escolas brasileiras, tenham maior visibilidade e avanços, para abertura de caminhos e para uma superação de preconceitos, de estereótipos, do racismo, etc. Deste modo, a Lei 11.645/08 se configura de grande relevância, pois ao:

Oferecer aos [...] alunos a oportunidade de conhecerem mais sobre os povos indígenas, evitando a reprodução do silêncio sobre a temática ou a manutenção de estereótipos, preconceitos ou superficialidade aos quais nós mesmos fomos expostos durante nossa formação, tanto na educação básica como no ensino superior (Rabesco, 2014: 49).

Portanto, a lei também contribuiu para que os indígenas e os negros no âmbito educacional, não apareçam somente em atividades realizadas durante datas comemorativas. Por isso, essas temáticas precisam ser trabalhadas diariamente, ao longo de todo o ano letivo e em todo o currículo, como a presente lei prescreve.

Entretanto, na implementação da Lei 11.645/08 tem se desenvolvido um dos grandes desafios para a Educação Básica e também do ensino superior, uma vez que, a formação inicial e continuada de professores tem sido um dos problemas principais. Isso se deve à falta de oferta de disciplinas obrigatórias nos cursos de graduação e pós-graduação (Revista Escola Pública, 2015). Para que esta lei seja instituída nas escolas, como diz Edson Silva há alguns pontos que o sistema educacional precisa prestar mais atenção:

É preciso que as secretarias estaduais e municipais incluam ainda a temática indígena nos estudos, nas capacitações periódicas e na formação continuada, e a abordagem deve se dar na perspectiva da sociodiversidade historicamente

existente no Brasil: por meio de cursos, seminários, encontros de estudos específicos e interdisciplinares destinados ao professorado e aos demais trabalhadores/as em educação, com a participação de indígenas e a assessoria de especialistas reconhecidos. É preciso, também, adquirir livros que tratem da temática indígena, destinados ao acervo das bibliotecas escolares. Outro grande desafio e urgente necessidade é a produção – com assessorias de pesquisadores e especialistas – de vídeos, subsídios didáticos, textos etc. sobre os povos indígenas, para utilização em sala de aula, proporcionando ainda o acesso a publicações – livros, revistas, jornais e fontes de informações e pesquisas sobre os povos indígenas (Silva, 2012, p. 220).

Desse modo, torna-se necessário uma (re)orientação e re(organização) de práticas pedagógicas, tanto em relação ao cumprimento da legislação em vigor (Rabesco, 2014), quanto no modo de trabalhar a temática indígena com a turma. É preciso que se tenha um ambiente escolar democrático, que ofereça uma infinidade de diálogos aos estudantes sobre práticas preconceituosas e discriminatórias, além do reconhecimento e valorização da diversidade sociocultural dos povos indígenas.

A educação desempenha um papel essencial na preservação e promoção das culturas, especialmente em comunidades indígenas, pois lá as tradições enfrentam diversos desafios. Nesse sentido, a música indígena se destaca não apenas como uma forma de expressão cultural, mas também como uma ferramenta valiosa para a alfabetização/ letramento e alfabetização musical. A música, profundamente enraizada nas práticas e na identidade cultural desses povos, oferece uma abordagem única e enriquecedora no processo educacional.

Cada povo indígena possui formas de comunicação e expressões culturais diferentes, isso reflete em suas particularidades e saberes ancestrais. Essas formas de comunicação nos ajudam a reconhecer o quão ricas e diversificadas são essas fontes. Elas contribuem significativamente para o desenvolvimento cognitivo e social dos pequenos. No âmbito educacional, o ensino da música indígena não apenas valoriza e preserva essas tradições, mas também fortalece o vínculo entre a cultura familiar, social e o cognitivo da criança.

Ao integrar a música indígena ao processo de alfabetização, buscamos mais do que o desenvolvimento das habilidades linguísticas tradicionais. Através das práticas musicais, procuramos conectar as crianças com suas raízes culturais, proporcionando um aprendizado que é ao mesmo tempo significativo e culturalmente relevante. A música atua como uma ponte que une a tradição e a educação, permitindo que as

crianças desenvolvam suas habilidades cognitivas enquanto se envolvem com a riqueza de sua herança cultural.

Assim, esta pesquisa visa explorar como a música indígena pode ser utilizada como uma ferramenta de alfabetização eficaz, analisando as metodologias de ensino que integram essas práticas musicais e seus impactos no desenvolvimento das crianças. Ao verificar a eficácia dessas abordagens e os desafios enfrentados na implementação de métodos pedagógicos que respeitam e valorizam a cultura indígena, buscamos contribuir para uma educação antirracista.

## **5 O DESPERTAR PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: METODOLOGIAS COM MÚSICA**

A aprendizagem não se limita somente ao âmbito escolar. Ao contrário disso, ela acontece em todos os espaços com as pessoas, movimento, ação, interação, comunicação verbal e visual. Geralmente é fora da sala de aula que a criança tem apresentado maior interesse pela aprendizagem musical. Isso porque fora da sala de aula tudo ocorre de forma mais espontânea, criativa e expressiva.

Os métodos utilizados pela escola para cumprir sua finalidade específica são bastante variados: incluem desde métodos autoritários e unilaterais, que se baseiam na transmissão pura e simples da matéria pelo professor, até métodos em que a aprendizagem se faz a partir das próprias experiências dos alunos,

em que estes, ao invés de receber passivamente conhecimentos prontos, elaboram seu próprio conhecimento da realidade (Pilleti, 1993, p. 87).

Assim como afirma o autor, nos dias atuais, apesar de tantos avanços, e a diversidade de métodos que precisam ser analisados constantemente se eles são adequados para uma educação para a vida numa sociedade democrática ou não.

ainda essa diversidade de métodos que continuam sendo utilizados nas escolas. A aprendizagem não acontece de forma igual, pois se a sociedade é composta de pessoas diferentes, na escola também funciona assim.

Nota-se a necessidade de fazer do espaço escolar um ambiente alegre, descontraído e que favoreça a expressividade, a comunicação, a interação e o conhecimento.

O grupo da sala de aula é, portanto um grupo dinâmico. As interações entre seus membros são constantes e variáveis, algumas mais manifestas, como as que se dão entre o professor e a turma ou entre grupos de estudos, outras menos explícitas, como as relações de amizade, de respeito, de simpatia, de antipatia, etc., nem sempre claramente manifestas (Pilleti, 1993, p. 205).

A música possibilita esta interação entre os integrantes de um grupo, pois ela é o processo de construção do conhecimento musical, na qual o principal objetivo é despertar e desenvolver o gosto pela música, propiciando e contribuindo com a educação global do ser humano através da socialização. A musicalização atravessa todas as áreas do conhecimento e pode ocorrer por meio de atividades lúdicas visando o desenvolvimento e aperfeiçoamento da percepção auditiva, imaginação, coordenação motora, memorização, socialização, expressividade, percepção espacial, etc. Isso acontece de fora para dentro, sendo que cada um vai incorporando inconscientemente os conhecimentos adquiridos mais os conhecimentos já existentes para então formar e concretizar um novo conhecimento.

## 5.1 A LINGUAGEM MUSICAL COMO COMUNICAÇÃO CULTURAL

A aprendizagem é um processo que acontece gradualmente. Por isso, corpo e mente devem estar em perfeita harmonia. Para auxiliar esse processo tem um instrumento bastante importante, a música. A mesma desperta na criança uma vivência

prazerosa, satisfatória e equilibrada, proporcionando paz de espírito, controle emocional e concentração.

A linguagem musical deve estar presente nas atividades [...] de expressão física, através de exercícios ginásticos, rítmicos, jogos, brinquedos e rodas cantadas, em que se desenvolve na criança a linguagem corporal, numa organização temporal, espacial e energética. A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento (Rosa, 1990, p. 22-23).

Atualmente, a música continua contribuindo para a expressividade e socialização. Talvez muitas pessoas ainda não se deram conta e nem pararam para observar o quanto a música vem exercendo um papel social entre os mais diversos grupos humanos em nossa sociedade. Nem mesmo alguns docentes notaram que a linguagem musical ajuda o estudante a adquirir a linguagem formal que se espera tanto na forma oral quanto na escrita. Sem dúvidas, o papel do professor merece reconhecimento, pois nas práticas pedagógicas devem ser agregados momentos que proporcionem prazer e aprendizagem.

Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção (Brasil, 2011, p.75).

Segundo o compositor norte-americano Aaron Copland (1974), todos nós ouvimos a música de acordo com nossas aptidões, variáveis, sob certo aspecto, em três planos distintos: sensível, expressivo e puramente musical, o que corresponde a ouvir, escutar e compreender. Esse é o motivo pelo qual o professor deve respeitar o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra, adaptando as atividades de acordo com suas aptidões.

A criança se vê inserida no universo musical, quando sente que seu gosto musical próprio é aceito e ao aceitar a escolha musical dos outros colegas. Nesse sentido, conhecer a cultura musical da família da criança se torna relevante, pois a mesma se sentirá mais segura, mais confiante e provavelmente poderá aprender e compartilhar o que sabe e que conhece para seus amigos. Para Silva (2012 p. 15) “o resultado da manutenção da motivação por parte do professor, não só é em um mesmo

trabalho, senão em todos eles, e deve conduzir ao surgimento da educação e da motivação da própria criança”.

O professor como mediador dessa troca e diversidade de gêneros musicais que surgirão no decorrer das aulas, precisa estar preparado para orientar as/os estudantes e conseguir selecionar o que for favorável do que não for para aprendizagem das crianças. Nos dias atuais, a mídia, de forma geral, rádio, TV, internet, entre outros não tem limites, estão divulgando todo e qualquer tipo de trabalho. Por isso, cabe ao professor, selecionar e incentivar músicas e cantigas que não sejam prejudiciais às crianças. Desse modo, é fundamental planejar muito bem as aulas com uso de música.

A música, ao ser bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade entre outras potencialidades e aptidões. Com isso, deve-se aproveitar a riqueza dessa estratégia para incorporar novas atividades educacionais dentro das salas de aula. A música e a dança atuam no corpo e despertam emoções. Neste sentido, elas equilibram o metabolismo, interferem na receptividade sensorial e minimizam os efeitos de fadiga, elevando o entusiasmo do estudante para aprendizagem.

A arte aumenta a eficiência do homem – e daí reformadores como Frouier terem atribuído grande valor à música e as outras formas de arte que o trabalhador goze durante o trabalho, sentindo-se mais feliz com a vida que vive e com o trabalho que executa (Freyre, 1980, p. 17).

É provável conseguir visualizar uma sala de aula com estudantes em processo de alfabetização, se sentindo plenos de alegria e prazer em aprender e compreender como se formam as palavras para depois constituir uma escrita própria e uma leitura de maneira convencional da mesma. Tudo isso devido ao trabalho com Arte. É a arte que oportuniza espaço para a criação e recriação, ou seja, construção do conhecimento, através do árduo trabalho rotineiro e simultaneamente o tempo diversificado com dança, movimento, teatro, dramatizações, etc...

## 5.2 MUSICALIZANDO O CORPO: AÇÃO E MOVIMENTO DE INTERAÇÃO

Será que todo mundo gosta de música? Ao observar uma situação ocorrida na turma do 2º ano, surgiu essa pergunta. Ocorreu quando, no meio de todo um

envolvimento musical proposto na aula, dois estudantes se isolam, sentam nas carteiras do fundo da sala, pegam brinquedos trazidos de suas casas. Eles começam a brincar normalmente, indiferentes ao restante da turma.

Depois desse episódio, em uma conversa com eles, contaram que em suas convivências familiares não se tem o costume de ouvir músicas, cantar e dançar. Isso mostra que a falta de envolvimento dessas crianças não acontece porque não gostaram daquele tipo específico de música, e sim porque não gostam dos movimentos de dança. Logo se conclui que não foram estimulados desde cedo, pois não tiveram vivência musical e corporal. Não aprenderam a apreciar sons nem movimentos, por isso, a resistência e o isolamento.

Para Bourdieu (1979) o gosto ou não pela música e estilo de música consiste numa questão de capital cultural, relativo em suas convivências familiares, tendo ou não o costume de ouvir músicas, cantar e dançar, ou seja, funciona como um fator determinante que retrata um sistema tanto social como culturalmente formado, aceito e propagado.

.Gainza (1988 p. 21), define que “o homem se manifesta (age, comporta-se), através de sua conduta” e que ela “supõe uma ação, um movimento”. Em seus relatos, o autor também faz referência à mudança. Como o homem por natureza é resistente às mudanças, parece ser simples compreender o comportamento das crianças que não foram participar das atividades com música. A questão de sair do conforto de suas carteiras, se envolverem com os demais, pular, agachar, levantar, bater palmas, bater os pés, apontar para um objeto, abraçar um amigo conforme ia dizendo a letra da música parecia os incomodar, tirava-os da sua zona de conforto.

Para reforçar o papel da música como estímulo do corpo e da mente, colocando em foco a alfabetização, Gainza (1988 p.129) destaca:

o processo do ensino-aprendizagem deveria integrar diversas formas de comunicação: o aluno imita o som de seu professor, que constitui um modelo para ele, e o professor imita o som de seu aluno e isso se torna proveitoso para ambos, tornando-se algo mais democrático.

Isso significa que:

Nos processos musicais com indivíduos carentes ou enfermos, as funções expressivas ou de descarga psicofísica e de comunicação costumam ter primazia, embora isso não dignifique, de maneira alguma, dizer que deva suceder sempre assim, já que em certos casos a função corretiva ou terapêutica pode consistir precisamente em enfatizar o processo de “carga” ou absorção musical... com objetivo de mobilizar, desenvolver... as capacidades do indivíduo (Gainza, 1988, p. 89).

Dessa maneira, é perceptível o que bom trabalho com música dentro e fora de sala de aula pode proporcionar bons momentos e boas memórias para estudantes e professores. Gainza (1988, p. 95) diz que “educar-se na música é crescer plenamente e com alegria. Desenvolver sem dar alegria não é suficiente. Dar alegria sem desenvolver tampouco é educar”.

### 5.3 USANDO A MÚSICA PARA ALFABETIZAR: CRIANDO E CANTANDO MELODIAS

De modo geral, considerando não somente a música, mas também a dança e o teatro, é possível notar que todas elas têm contribuído no processo de alfabetização bem como para a formação de um ser histórico-social. Freyre (1980) em seu livro *Arte, Ciência e Trópico* salienta o relevante e influente papel da arte na construção da cultura e da sociedade. Destaca também que os meios de comunicação quando usados como forma artística de expressão exercem aos poucos uma contribuição positiva para se alcançar a alfabetização dos indivíduos ou pelo menos reduzir o número de analfabetos no Brasil.

O analfabeto poderá, com efeito, participar, grandemente, através de disco, da televisão e do cinema falado e cantado, de artes por algum tempo dirigidas principalmente ao alfabetizado capaz de ler livro, revista ou jornal com a arte do romance, sob a forma de obra literária, a do conto, a do folhetim redigido para jornais, a do poema escrito ou impresso (Freyre, 1980, p.79).

Dessa maneira, a comunicação é facilitada. Quando ocorre uma troca de conhecimentos entre alfabetizados e não alfabetizados, ali existe uma ponte. Nesse caso, a ponte pode estar sendo construída pelo professor, pelos meios de comunicação, ou pelo próprio grupo no qual as crianças estão inseridas. Assim, a arte, o teatro, a dança e a música estão rigorosamente ligadas à vida, ao próprio cotidiano.

Segundo o autor, para a formação da sociedade no que se refere ao processo de ensino aprendizagem, nada ou muito pouco fará sentido se não fizer parte da rotina, ou seja, do cotidiano.

Stabile (1988), em seu livro, vai relatando vivências cotidianas na trajetória de crianças em todos os períodos abrangendo de 0 a 6 anos de idade, momento de passagem da fase do desenho para a fase escrita.

As crianças que vão apenas aos 7 anos para a escola e não tiveram a mesma estimulação que as outras atingem os mesmos estágios, só que mais tardiamente, sem que isso venha necessariamente significar “prejuízo” para seu desenvolvimento posterior... A escrita exerce verdadeiro fascínio sobre a criança. Isso acontece bem antes de ela própria poder traçar verdadeiros signos (Stabile, 1988, p. 38).

Então sendo a comunicação, a estimulação, a socialização bem como os acontecimentos diários tão importantes para o processo ensino aprendizagem, reforça-se também o papel da música como parceiro deste processo. A música tanto dentro como fora da sala de aula tem esse poder atrativo, que favorece as relações interpessoais despertando a sensibilidade, os sentimentos e conseqüentemente a aprendizagem que acontece através das trocas de experiências cotidianas.

A expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa de toda criança, ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade... Na faixa pré-escolar, um dos objetivos é fazer com que a criança desenvolva sua noção e sua expressão de ritmo. A música faz disso uma brincadeira gostosa e atraente (Stabile, 1988, p. 122).

Portanto, conforme o tema em questão, é notável que a música vem exercendo ao longo da história da aprendizagem das crianças um papel muito importante. Pois, através dela momentos agradáveis se tornam presentes na sala de aula, proporcionando assim aprendizagens significativas através de momentos lúdicos que a mesma proporciona. Isso traz prazer para as crianças. Dessa forma, a aprendizagem vai acontecendo espontaneamente. Mesmo se tratando da criança que tem dificuldades motoras, intelectuais ou emocionais, com a utilização da música em sala de aula, é possível que aconteça a comunicação e a interação através das cantigas de roda, brincadeiras, danças, entre outros. Assim o professor ensina e a criança aprende (cada

um em seu tempo), gerando assim um clima harmonioso e seguro. Stabile (1988) salienta a importância para a criança em observar o outro para depois executar. Quando o professor não tem o talento para o canto pode-se fazer uso de CDs que hoje é tão comum nos acervos da maioria das escolas. As crianças gostam e acompanham o ritmo da música e rapidamente a associam ao conteúdo de estudo.

## 6 ALFAMUSICANDO: ALFABETIZANDO COM MÚSICA

Este relato de experiência discorre um pouco sobre as vivências de uma pedagoga iniciante com crianças de 7 a 8 anos do 2º ano, matutino, da Escola Maria Alice Machado, em Codó, Maranhão. A turma é composta por 18 estudantes.

Ao chegar na escola pela primeira vez, em uma sexta-feira, no dia 21 de junho de 2024, fiquei bastante ansiosa e apreensiva imaginando o que me aguardava, pois até então trabalhar com alfabetização de uma turma seria algo novo para mim. Passaram milhares de ideias em minha cabeça até me apresentar na escola como: a recepção do corpo docente da escola, das crianças, a primeira vez sendo regente com crianças que estão iniciando seu processo de leitura e escrita; e, como desenvolveria esse trabalho com cada um, respeitando suas particularidades.

Nesse sentido, ao retornar para casa, lembrei-me da pouca experiência que tive no reforço escolar de minha mãe, onde, na época, iniciamos com 6 crianças. Dessas, conseguimos alfabetizar quatro crianças em um ano. Minha mãe havia pedido para que eu ficasse com duas dessas crianças, enquanto ela ficava com as demais. A partir disso, eu comecei a dedicar todas as tardes para ensinar aquelas crianças a ler, escrever e fazer cálculos.

Ela, ao observar minha dedicação, disse ter percebido em mim um dom para ensinar, que as crianças gostavam de ficar ao meu lado e de como elas liam com atenção e precisão, demonstrando entendimento em tudo que lhes era explicado. Isso gerava segurança e mais comprometimento no dia a dia. Nesse período, tinha 15 anos de idade, só pensava em concluir o Ensino Médio e trabalhar com a arte de cantar. Caso não desse certo, trabalharia em outra área, mas nunca me imaginei sendo professora, apesar de ter crescido rodeada com pessoas de meu convívio pertencentes da área: tias, mãe e primo.

Quando iniciei a minha primeira semana de aula, fui para a escola com muita vontade de conhecer as crianças, abraçá-las, e aprender mais ainda com cada uma delas. Durante o final de semana, havia sonhado tanto com aquele momento. Estava muito ansiosa, mal conseguia dormir só de pensar que voltaria a estar na presença daqueles pequenos. Lembro que cheguei muito cedo neste dia. Pouquíssimas crianças haviam chegado, enquanto isso olhava o tempo todo para o relógio, até que uma das

estudantes da escola começou a conversar comigo. Não demorou muito, as crianças começaram a entrar de uma vez em suas salas, enquanto aguardava a supervisora na diretoria. Ela, ao chegar, me apresentou para a turma e logo recebemos uma enxurrada de abraços. Minha alegria foi tão grande que fiquei paralisada por um tempo com tanto carinho que havia recebido daquelas crianças. De fato, não disfarcei o meu sorriso de orelha a orelha.

Assim que recebi os materiais didáticos junto com as instruções das páginas para dar continuidade, pensei em como trabalhar aqueles conteúdos de uma forma atrativa e lúdica sem que precisasse ter gastos financeiros? Foi então que resolvi fazer o clássico: calendário, chamada, cantar música de bom dia, roda de conversa, resolução de questões no quadro, explicação do conteúdo. Depois de tudo isso, percebi o que viria a ser meu grande desafio. As crianças, durante as aulas daquela semana se mostravam muito dispersas, desatentas sem dar um mínimo de atenção. Uma ou duas crianças participavam, as demais brincavam, conversavam ou simplesmente davam atenção a qualquer outra coisa menos a mim.

Quando voltei para casa, senti muito mais o peso que aquelas situações me causaram. Obviamente, isso me desestimulou, me causou tanto incômodo que desabafei com minha mãe dizendo que aquela profissão não era para mim; os comentários que ouvi de como a turma se comportava com a professora anterior; e, de como era a organização da sala até minha chegada foram alimentando mais ainda esse meu pensar. Minha mãe depois de ter ouvido com muita atenção tudo que eu disse, olhou em meus olhos e disse que precisava ter calma, pois eu estava iniciando ali uma fase nova de adaptação e precisaria conhecê-los melhor, observar com muita atenção cada um. Guardei aquelas palavras, refleti e depois continuei a agir como no início, só que dessa vez com um olhar mais preciso e direcionado.

Os dias se passaram e seguimos o cronograma escolar: realizamos as atividades avaliativas, apresentação junina, e, enfim, as férias chegaram. Angustiado em como resolver a situação-problema que vivenciei, resolvi pesquisar estratégias e ouvir de minha mãe como desenvolvia suas aulas e atividades, e como as crianças da turma dela reagiam. A partir daquele momento, nós sempre compartilhamos uma com a outra a nossa rotina escolar, o que me ajudou muito a entender que não tinha outra escolha,

senão a de analisar a minha conduta em sala de aula, os métodos que estava utilizando, as estratégias, e principalmente, que tipo de aprendizagem estava ocorrendo ali. Por várias vezes cheguei a pensar que estava sendo mecânica e enfadonha.

Em agosto, na volta às aulas, já ciente do que encontraria, assim que reencontrei com as crianças, fizemos uma dinâmica com os personagens do filme *Divertidamente*. Depois apareceu tanta história, cada uma mais longa que a outra, até as crianças mais falantes e de comportamento mais travesso prestaram atenção nos relatos de seus colegas, da professora também. Algo que me surpreendeu muito. Naquele clima harmonioso, foram se passando os dias, parecia já estarmos nos entendendo. Contudo, o problema ainda não havia sido findado, mesmo fazendo uso mais corriqueiro de algumas dinâmicas. Até um certo momento ficava tudo aparentemente tranquilo, momentos depois, voltava tudo de novo. Em minhas orações, pedia a Deus sabedoria para conduzir meu trabalho e despertar na turma entusiasmo o que possibilitaria levá-los a uma aprendizagem significativa, e que eu pudesse deixar boas memórias, deixando uma marca positiva e relevante em cada criança.

Em um belo dia, aconteceu o que eu menos esperava. Ao preparar minhas aulas da semana, vi um capítulo de conteúdo que abordava sobre música: como cantigas de roda e músicas poéticas, estrutura, elementos que compõe a mesma...Devido à familiaridade que tenho com essa arte, aquilo me possibilitou pensar além de trabalhar apenas aquelas canções descritas no livro. Durante a semana, apenas com uma caixinha de som que reproduzia canções bem selecionadas conforme o propósito pretendido em cada aula, percebi algo mágico, a interação começou a se fazer presente em nossa turma, não precisava mais falar em voz alta com os pequenos para chamar atenção. Conseguimos dialogar acerca das melodias, ritmo e letras de cada canção. As crianças fizeram perguntas e sugestões relacionadas ao conteúdo, enfim... muitas ideias foram compartilhadas de acordo com o ponto de vista de cada um.

Destarte, me dei conta de que estava com uma ferramenta muito rica em minhas mãos, e por esse motivo precisava desbravar com as crianças, e não apenas com a música, mas também com a dança e o teatro. Agora, com uma visão holística dos elementos em estudo, estou começando a observar as múltiplas inteligências que cada um dos estudantes possui. Isso vem contribuindo para elaborar melhor as aulas, na

análise das metodologias, e a postura de uma professora polivalente. Contudo, vejo um grande avanço na aprendizagem das crianças, demonstrando estarem mais engajadas e atraídas nas aulas. Como professora espero desempenhar um papel aprazível na vida das/os estudantes, boas memórias, ensinamentos, deixando uma sementinha do bem plantada no coração de cada um para além do conhecimento. Reitero o cuidado e interesse que tenho em aprender mais para promover e despertar na maioria da turma uma aprendizagem descontraída e significativa.

## 6.1 DE MUSICISTA A PROFESSORA ALFABETIZADORA: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS COM ENSINO DA MÚSICA INDÍGENA

Durante o período da greve federal ocorrida nesse ano de 2024, ano decisivo para finalização do curso que me escolheu a quatro anos atrás, com todas as atividades já paralisadas, e com a saúde mental deturpada, resolvi buscar ajuda profissional. Fui aconselhada a não abandonar o curso, pois para mim já não fazia mais sentido continuar seguindo um cronograma de vida apenas para cumprir tabela. Me vi em um mar de frustrações e desilusões, meu único objetivo era ganhar liberdade para viver meu maior sonho.

Enquanto as oportunidades de trabalhar como docente eram improváveis de acontecer em minha vida, as portas pareciam se abrir constantemente para minha carreira de cantora e atriz. Logo fui acreditando que essas circunstâncias estavam me dando uma resposta do caminho que devia seguir. Meus pais sempre apoiaram minhas decisões, principalmente com a música, mas nunca concordaram com minha ideia de abandonar de vez a carreira de docente e, muito menos, com a ideia de trancar o curso de Pedagogia.

Enquanto a greve estava acontecendo, eu me dediquei inteiramente à música. Esqueci completamente ser universitária, não existia mais esperança em mim para exercer qualquer atividade pedagógica. Durante esse período, consegui desenvolver composições, gravações e muitas apresentações, mas ainda sentia necessidade de algo parecendo não estar muito satisfeita. Não demorou muito e uma oportunidade inesperada de emprego apareceu para mim, recebi uma proposta para trabalhar como

docente na rede municipal da minha cidade: Codó.

Ao receber a ligação de confirmação, chorei profundamente de tanta emoção, tanto que parecia não caber em meu peito. Meus pais também se emocionaram comigo e vibraram muito com a notícia. Logo, as aulas na universidade retornariam, e eu precisaria ter discernimento suficiente para entender e decidir como levaria minha vida, decidi então que com equilíbrio e resiliência eu prosseguiria. Tudo começou a fazer sentido, quando descobri que não precisava deixar minhas origens artísticas mesmo se tratando de um outro contexto paralelo ao já existente em minha vida.

Todavia, me questionei por que não levar um pouco disso para sala de aula? Compartilhar esse tipo de inteligência com crianças em processo de alfabetização, etapa crucial e delicada na vida de todo ser humano. Busquei compreender e ao mesmo tempo relacionar o ensino das artes não apenas no componente curricular *Artes*, e assim promover a interdisciplinaridade entre ela e as demais matérias, isso foi possível graças a alguns acontecimentos não condizentes nas aulas.

Cito aqui alguns elementos que constituem nossas aulas: paródias que abordem o conteúdo; criação de músicas curtas com melodias e ritmos de fácil entendimento, algumas criadas por mim; leituras de história, poemas, poesias com a participação das crianças de modo em que atuamos como personagens de cada uma delas; brincadeiras cantadas e danças, principalmente, nas aulas de educação física. Destaco uma brincadeira rítmica, em especial, que me chamou bastante atenção no modo em como as/os estudantes reagiram a mesma.

Sempre tive uma grande admiração pela cultura indígena. Desde criança, eu ficava ansiosa para a chegada do dia 19 de abril, dia em que as professoras que tive no fundamental 1 falavam do “índio”, um pouco de sua cultura, e mais adiante, em agosto, sobre as lendas folclóricas, inclusive quando assistia vídeos sobre as lendas na sala de aula, me identificava com as personagens: *Caipora*, *Mani* e *Vitória Régia*. Uma série de representações povoavam meus pensamentos

Lembro que gostava de ir para a biblioteca da primeira escola que estudei, procurava livros ou textos que falassem a respeito dos povos indígenas, mas não encontrava, apenas histórias clássicas, gibis, revistas dos mesmos personagens que via em temas de aniversários, roupas, materiais escolares e brinquedos que

compunham nossa infância. Nada atual que me chamasse atenção. Então, quando tinha oportunidade de assistir a algum filme que retratava sobre esses povos, eu não perdia a oportunidade, pois tinha muita curiosidade de entender como como era ser indígena, como era viver em uma aldeia e conhecer seus costumes.

No decorrer das próximas etapas da educação básica, isso foi se apagando em mim, já não ouvia mais meus professores falando sobre o assunto restringindo-se aos conhecimentos científicos. Hoje, na graduação, percebo que aquela aprendizagem se resumiu a um currículo não multicultural. Sinto atualmente a necessidade de conhecer mais sobre a cultura desses povos originários e quem sabe um dia atuar como professora de alguma aldeia indígena.

No último período da graduação, tivemos a disciplina Educação para as Relações-étnicos Raciais (ERER). Com os melhores professores que poderiam ministrar uma disciplina com essa temática Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira e Prof. Esp. Wellington Bezerra Gomide. Essa disciplina trouxe contribuições significativas e muitas reflexões acerca da realidade de nossa sociedade, das lutas e dos preconceitos ainda enfrentados pelos povos africanos e indígenas, o quanto o eurocentrismo ainda está impregnado em nossas vidas, nas atitudes, nos comentários, enxerguei as aulas como um convite para analisarmos nosso papel como cidadão, e também sobre o tipo de professor/a queremos ser?

Em busca de uma Educação Antirracista, com minha turma, estou conhecendo mais sobre a relevância da educação intercultural e introduzindo aos poucos em minhas rotinas de aulas. Algo que vem dando muito certo, houve uma diminuição dos apelidos pejorativos e desrespeitosos, mais aceitação com as características físicas, ampliando o respeito e a interação.

Recentemente, em conversa com a professora Kelly, que ministrou essa disciplina e também minha orientadora, me sugeriu fazer atividades que envolvessem as cantigas indígenas, enquanto eu estava com essa ideia. Ela, com toda sua atenção e paciência me ajudou a aflorar mais ainda como desenrolar essa atividade, pois não sabia como fazer isso dar certo na prática.

Então, procurando, encontramos uma musicalização que as crianças amaram de primeira. Até hoje, elas pedem bastante para refazermos desde o início da aula. Antes,

aproveitei para falar um pouco da origem da canção. Logo, as crianças fizeram perguntas tipo: “o significado da canção?”; “Como seria a brincadeira?” Durante nossa roda de conversa, todas as crianças foram participativas e interessadas, e puderam ter mais conhecimento acerca da cultura indígena.

O nome da canção é “*Yapo*” que em tupi guarani quer dizer “barro”. Tem como objetivo trabalhar a percussão corporal com gestos e desenvolver memória musical. Depois de aprendermos a letra da música e treinar várias vezes os gestos e movimentos para a memorização, a brincadeira musical iniciou com duas batidas com as duas mãos nas coxas (*lapo*), duas batidas com as duas mãos cruzadas no peito (*ia, ia*), e três estalos com os dedos (*e, e, e, o*), repetindo duas vezes. Depois, duas batidas com as duas mãos nas coxas (*lapo*), duas batidas com as duas mãos cruzadas no peito (*ia, ia*), duas batidas com as duas mãos nas coxas (*lapo*), duas cutucadas na cabeça (*tuque, tuque*) repetindo o movimento duas vezes, estalando os dedos três vezes no final (*e, e*).

#### Letra da música YAPO

*lapo, ia ia, e e e o*

*lapo, ia, ia, e e e*

*lapo, ia, ia lapo*

*e tuque, tuque lapo*

*e tuque, tuque, e e*

Assim que a música foi memorizada, realizamos também a brincadeira somente com os gestos sem cantar a música, ouvindo apenas os sons produzidos pelo corpo. A Figura 1 ilustra como ocorreu esse momento, em que estávamos aprendendo os gestos da canção, realizada no dia 30 de agosto de 2024:

Figura 1- Musicalização Yapo



Legenda: a) aprendendo os gestos da canção; b) aprendendo os movimentos sem uso da música; c) repetindo os movimentos; d) dançando e cantando a música; e) alfabetizando com a letra da música.

Fonte: Pesquisa de campo, 2024

Uma atividade simples que caracteriza a importância do trabalho de incentivo à prática e conscientização sobre a cultura dos povos originários. Destaca-se que essa experiência de desenvolver a ludicidade e interação na turma do 2º ano A, matutino, contribuiu para o conhecimento das crianças sobre a diversidade cultural e costumes dos povos indígenas. Foi possível observar através das atribuições e das reações, questionamentos e aprendizados das crianças sobre a importância dessa atividade para o enriquecimento da prática docente.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho de pesquisa, vi o quanto me possibilitou a reflexão da minha prática pedagógica em conjunto com a teoria para a qual o foco esteve direcionado: a pesquisa em sala de aula com uso da música, sua importância, e como utilizar esse recurso corretamente nas aulas com crianças em processo de alfabetização. Com esta oportunidade em meu trabalho, afirmo que esse escrito autobiográfico buscou como objetivo não apenas narrar uma experiência na sala de aula de uma professora musicista, mas principalmente o efeito de inspirar e discutir reflexões em torno da musicalização infantil que pensamos, e refletindo sobre minha caminhada até aqui, viajei por inúmeras lembranças com as crianças aumentando minha vontade de pesquisar mais e escrever sobre musicalização infantil, área que eu

tanto amo.

A respeito do processo de alfabetização pelo qual todo indivíduo deve passar e considerando o tema em estudo, compreende-se o quanto a música tem sido benéfica ao desenvolvimento da sociedade como um todo. É impossível imaginar o mundo sem música, sem melodias, sons, canções e emoções.

Baseado nessa concepção e analisando as observações feitas durante as aulas com música, reafirma-se o que diversos autores citados na pesquisa têm dado de contribuição para professores alfabetizadores. A música visivelmente é uma ótima ferramenta de ensino aprendizagem, em especial, no processo de alfabetização, tornando-se indispensável.

Conclui-se então, que através do uso da música em sala de aula, diariamente, é possível ampliar as possibilidades de socialização, conhecimento, interação e de criação. Boas escolhas de canções trazem muito mais que belas melodias, trazem ensinamentos riquíssimos. Ensinos esses que contribuem para o envolvimento com os acontecimentos do cotidiano que ajudam no crescimento da criança, futuro adulto, transformando-o num ser sociável, crítico, conhecedor dos seus direitos e deveres, empático, sabendo assim valorizar e respeitar a diversidade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, A. d. J. P. d; LEHFELD, N. A. d. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. In: Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. 1990. p. 127.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugemet**. Col. Le Sens

Commun. Paris: Minuit, 1979.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p. ISBN: 978-85-7018-698-0

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96. 2ª ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm?msckid=0c0d30](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm?msckid=0c0d30). Acesso em: 31 de ago 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Brasília/DF, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato\\_2007](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato_2007). Acessado em: 30 de ago. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2011.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação musical**: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BRUNER, Jerome. A invenção de ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy (Orgs.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995. p. 141- 161.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Curitiba: Positivo, 2018.

FONTEERRADA, M. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Arte, Ciência e Trópico**, 2ª ed. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A., 1980.

FIGUEIREDO, S. O processo de aprovação da Lei 11.769/2008 e a obrigatoriedade da música na Educação Básica. **Anais do XV ENDIPE** – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente, Belo Horizonte, 2010. Painel.

GAINZA, Violeta H. de: Estudos de Psicopedagogia Musical. Summus Editorial Ltda, vol. 31. São Paulo, 1988.

GREGORY, A. H. **The roles of music in society: The ethnomusicological perspective**. US: Oxford University Press. 1997. 319 p.

HURON, D. Lecture 2: **An instinct for music: Is music an evolutionary adaptation?** In The 1999 Ernest Bloch Lectures, 1999. Disponível em [www.musiccog.ohiostate.edu/Music220/Bloch.lectures/2.Origins.html](http://www.musiccog.ohiostate.edu/Music220/Bloch.lectures/2.Origins.html) Acesso em: 30 de ago.2024.

ILARI, B. S. e MAJLIS, P. **Children's songs from around the world: An interview with Francis Corpataux**. **Music Education International**, v. 1, p. 1-14, 2002.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Scipione, 1990.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Trad. Jusamara Souza. **Em Pauta: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, v. 11, n. 16/17, p. 50-75, abr./nov. 2000.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Pesquisa e organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, M. C. B. **As sociedades indígenas**, a história e a escola. Antíteses, Universidade Estadual de Londrina- Brasil, v. 2, n. 3, jan.-jun., p. 153-167, 2009.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco (CA): Jossey-Bass, 1998.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisa formação. **Revista Cocar**, v. 15, n. 32, 2021. p.1-20. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4264>. Acesso em: 03 de set 2024.

**Palavra cantanda**. Yapo. 18 de jun. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/rcBvsH7jqnc?feature=shared>

PASSEGGI, M. d. C. **A pesquisa (auto) biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica**. Alteridade: o outro como problema. Fortaleza: Expressão Gráfica, p. 13-39, 2011.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da Educação**. Editora Ática, 1993.

RABESCO, R. **O ensino de história e cultura indígena na escola: os desafios da formação e da prática educativa através da musicalização**. Disponível em: <<http://fundacaoarapora.org.br/moitara/wp-content/uploads/2016/02/46-o-ensino.pdf>> Acesso em: 31 de ago. 2024.

REVISTA ESCOLA PÚBLICA. **Lei que determina o ensino de cultura afro-brasileira e indígena esbarra em formação de professores e falta de institucionalização.**

Disponível

em:

<<http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/41/ensino-da-cultura-afro-e-indigena-330283-1.asp>>. Acesso em: 01 de set.2024.

ROSA, Nereide Shilaro Santa. **Educação Musical para a Pré-Escola.** Editora Ática, 1990.

SILVA, E. **O ensino de História Indígena:** possibilidades, exigências e desafios com base na Lei 11.645/2008. Revista História Hoje, v.1, n.2, p. 213-223, 2012.

STABILE, Rosa Maria. **A Expressão Artística na Pré-Escola.** São Paulo: FTD, 1988.